



A CONSTANTE VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO DOS POVOS COLONIZADOS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *HOMEGOING*, DE YAA GYASI

*THE CONSTANT VIOLENCE AND SUFFERING OF COLONIZED PEOPLES:
AN ANALYSIS OF THE NOVEL HOMEGOING, BY YAA GYASI*

Ângela Maria de Melo Araújo
<https://orcid.org/0009-0003-7574-6042>
Universidade Federal de Campina Grande
angelamaria10565@gmail.com

Resumo: O romance *Homegoing*, publicado em 2016 pela ganesa Yaa Gyasi, conta as histórias dos muitos descendentes de duas irmãs ganesas, Effia e Esi. Cada capítulo acompanha um descendente abrangendo a história de 9 gerações, ao longo de 250 anos, chegando até os dias atuais. Perpassada pela história da escravização de aldeias ganesas pelos britânicos, a narrativa ilustra os efeitos negativos duradouros do pós-colonialismo para a sociedade, configurando-se uma importante ferramenta para a reflexão de questões como: violência simbólica, violência física e sofrimento. A partir do método de análise literária de personagens, o objetivo deste trabalho é analisar as personagens principais Effia e Esi no romance, destacando como a violência simbólica sofrida por elas durante o processo de colonização perpetuou traumas, opressão, silenciamento e marcas profundas por toda não só delas, mas também de seus descendentes. Nossa análise mostrou que as personagens e o ambiente opressor têm um papel fundamental na construção e rememoração de uma história marcante que nos traz muitas das consequências do processo de colonização. Podemos, portanto, através da literatura refletir também sobre diversas questões históricas, sociais e culturais presentes em nossa realidade contemporânea.

Palavras-chave: Literatura de língua inglesa. Estudos pós-coloniais. Violência simbólica. Opressão.

Abstract: The novel *Homegoing*, published in 2016 by Ghanaian author Yaa Gyasi, tells the stories of the many descendants of two Ghanaian sisters, Effia and Esi. Each chapter follows one descendant, spanning the history of nine generations over 250 years, up to the present day. Interwoven with the history of the enslavement of Ghanaian villages by the British, the narrative illustrates the enduring negative effects of post-colonialism on society, serving as an important tool for reflecting on issues such as symbolic violence, physical violence, and suffering. Using the method of character literary analysis, this study aims to analyze the main characters, Effia and Esi, in the novel, highlighting how the symbolic violence they endured during the colonization process perpetuated trauma, oppression, silencing, and deep scars not only for them but also for their descendants. Our analysis revealed that the characters and their oppressive environment play a fundamental role in constructing and remembering a powerful history that reflects many of the consequences of colonization. Through literature, we can also reflect on various historical, social, and cultural issues present in our contemporary reality.

Keywords: English literature. Postcolonial studies. Symbolic violence. Oppression.

Introdução

Em muitos lugares do mundo, o fluxo migratório ocorre principalmente em locais de extrema violência, com poucas ou mesmo nenhuma condição de vida e sem esperança de uma possível mudança num futuro próximo. Assim, as pessoas são obrigadas, por vezes voluntariamente, por vezes não, a abandonar o ambiente em que se encontram, devido às



terríveis condições de sobrevivência e às frequentes perseguições que ocorrem. Por isso, é necessário fugir ou retirar-se da nação em que se vive.

Na nossa sociedade atual, deparamo-nos com várias situações em que encontramos a propagação da violência e da opressão, principalmente entre os mais desfavorecidos, situações como: agressões físicas, desrespeito verbal e outras formas de imposições violentas. Desta forma, a violência é algo perturbador capaz de gerar grandes traumas, sofrimentos físicos e psicológicos ao longo da história, e desta forma, é capaz de desenvolver o pânico na sociedade, o medo e a insegurança constantes.

O romance *Homegoing*, publicado em 2016 e escrito pela ganesa Yaa Gyasi, conta as histórias dos descendentes de duas irmãs ganesas, Effia e Esi, e através da narrativa sabe-se que em cada capítulo é contada a história de cada descendente das irmãs Effia e Esi, que apesar de serem irmãs nunca se conheceram. O livro contará a história da escravização dos negros nas aldeias ganesas pelos ingleses, que trouxe muitas consequências nefastas através da sua colonização. Isso foi capaz de gerar diversas consequências não só no processo atual, mas também nas próximas gerações futuras de duas meninas escravizadas com trajetórias diferentes que apresentam semelhanças do contexto colonizador da época.

Nesse sentido, narrativas que trazem os efeitos do pós-colonialismo na sociedade configuram uma importante ferramenta para reflexão de questões relevantes nas sociedades como: violências que foram perpetuadas não só no tempo presente, mas pelo contexto do passado. É nessa premissa e na necessidade de analisar personagens que trazem subjetividade e resistência a situações desafiadoras que se justifica este trabalho. Através do método de análise literária das personagens, o objetivo geral deste trabalho é analisar as personagens principais Effia e Esi no romance em questão, destacando a violência simbólica sofrida por elas durante o processo de colonização que garantiu traumas, opressão, silenciamento e marcas profundas por toda a vida das personagens principais e de seus descendentes.

Primeiramente, é importante ressaltar a relação do título da obra com a trajetória pessoal de vida da escritora que, a partir disso, consegue transmitir bem um pouco da experiência de ser migrante. De alguma forma, ela consegue expressar o sentimento de dor, medo, insegurança, bem como o questionamento de sua própria identidade ao se deparar com situações desafiadoras na vida dos personagens de seu romance.

Além disso, em narrativas como *Homegoing* fica evidente que a identidade das personagens ligada a costumes, crenças, tradições, hábitos, valores e ao modo de viver e se comportar é negada pelo fato da profunda exploração e violência que vemos ser uma marca do processo de colonização em tantos outros lugares. Outro ponto relevante da obra é que ela traz para o leitor um sentimento de apreensão, angústia que transmite a sensação de não se encaixar com a força de adaptação em meio ao sofrimento ao longo do processo de opressão que é vivenciado.

1. A violência e o deslocamento no romance *Homegoing*

A violência é um problema sistêmico que acompanha a trajetória de vida de muitos desde a colonização até um futuro mais distante. O que ocorre no romance em questão em que a colonização deixou tanto marcas profundas de sofrimento na vida da primeira geração de personagens quanto em outras gerações que se seguiram. Dessa forma, percebemos o quanto esses tipos de transformações sociais são evidenciados em muitas características das pessoas em nossa própria contemporaneidade.

Nesse contexto, a obra retrata a história de duas irmãs que foram criadas em tribos diferentes na aldeia de Gana durante o século XVIII. Assim, Effia, uma mulher de imensa beleza, é vendida a um homem branco inglês e, a partir daí, é levada para viver no Castelo de Cape Coast. Neste castelo, Effia dá à luz um filho a quem chama Quey. Com o passar dos anos, ele vai para Inglaterra com o objetivo de estudar e com isso torna-se um grande e importante administrador de um império da Costa do Ouro.

No entanto, a outra irmã não teve a mesma oportunidade, Esi foi feita prisioneira em guerras tribais, o que desencadeou outros tipos de prisões, como em masmorras, e passou por grandes tormentos. Assim, mais tarde, ela é vendida como escrava na América. Esi também tem uma filha chamada Ness. Ao contrário do filho de sua irmã, Ness nasce em um contexto de escravidão sofrida e falta de oportunidades.

Portanto, as literaturas pós-coloniais, especialmente focadas no contexto africano, têm grandes níveis de profundidade de significados. Esses tipos de literatura trazem elementos do passado e da história, mas mostram a busca pela desconstrução do discurso colonial vigente. Assim, mesmo que sejam narrativas ficcionais, esses tipos de narrativas são capazes de questionar, refletir e compreender várias características da realidade moderna e contemporânea de muitos países.

A garota chamada Effia pertence a uma tribo chamada fanti, localizada em Gana. A protagonista, desde o seu nascimento, já está em sofrimento capaz de trazer dor e sofrimento à sua vida, o que marca sua entrada no mundo é um grande incêndio na tribo:

A NOITE EM QUE EFFIA OTCHER nasceu no calor abafado de Fanteland, um incêndio rugia pela floresta logo fora do complexo de seu pai. Ele se movia rapidamente, abrindo caminho por dias. Alimentava-se do ar; dormia em cavernas e se escondia em árvores; queimava, subindo e avançando, indiferente à destruição que deixava para trás, até alcançar uma aldeia Asante. Lá, desapareceu, tornando-se uma só coisa com a noite. (Gyasi, 2016, p. 10, tradução nossa)¹.

Nesse sentido, Effia, a partir desse evento que já traz devastação ao local, começa uma vida de sofrimento, na medida em que sua madrastra, chamada Baaba, já demonstra constante violência e ódio por Effia. Assim, a menina muito jovem e inocente não consegue entender esse ódio, pois acredita que Baaba é sua mãe na realidade. A maternidade e o sentimento de mãe e filha em geral são marcados por proteção, ensinamentos, conselhos e amor. No entanto, a menina Effia não teve essa orientação e sofreu uma violência simbólica que seria uma forma de controle gerada a partir da persuasão e da manipulação de pessoas que estão em uma posição superior de poder.

Assim, podemos perceber essa violência simbólica evidenciada em Effia, pois ela gostaria de se casar com um homem da sucessão do chefe da aldeia, chamado Abeeku Badu, mas não se casa por causa da pressão de Baaba, que não suportava a presença de Effia e queria vê-la longe. Assim, a moça acaba se casando com um oficial britânico chamado James Collins e, a partir daí, vai morar longe, no *Cape Coast Castle*.

Nesse sentido, essa mudança na vida de Effia já nos introduz ao conceito de diáspora. Dessa forma, "as diásporas, o movimento voluntário ou forçado de povos de suas terras natais

¹ No original: THE NIGHT EFFIA OTCHER was born into the musky heat of Fanteland, a fire raged through the woods just outside her father's compound. It moved quickly, tearing a path for days. It lived off the air; it slept in caves and hid in trees; it burned, up and through, unconcerned with what wreckage it left behind, until it reached an Asante village. There, it disappeared, becoming one with the night (Gyasi, 2016, p. 10).



para novas regiões, é um fato histórico central da colonização" (Ashcroft; Griffiths; Tiffin, 2010, p. 61, tradução nossa)², ou seja, formado por grupos de pessoas que se afastaram de seu lugar, por diversos motivos, sejam eles forçados por algum tipo de necessidade maior ou não. As pessoas que migram são frequentemente representadas nas narrativas de uma forma que traz ao leitor um senso de apreensão que transmite a sensação de não se encaixar nos novos locais de moradia durante todo o processo de mudança de ambiente. Isso destaca bem o sentimento que o colonialismo causa no psicológico das pessoas em muitos casos.

Além disso, toda essa mudança na vida da personagem marcada pela violência simbólica causada por aqueles que sempre tentam ter controle sobre ela e oprimi-la traz uma ideia de deslocamento, ou seja, um sentimento de não pertencimento, de angústia constante. Assim, "um termo frequentemente usado para descrever a experiência de deslocamento é o termo de Heidegger *unheimlich* ou *unheimlichkeit* - literalmente 'unhousedness' ou 'not-at-home-ness' - que também é às vezes traduzido como 'uncanny' ou 'uncanniness'" (Ashcroft; Griffiths; Tiffin, 2010, p. 65, tradução nossa)³.

Outro aspecto que vale a pena mencionar sobre o deslocamento causado pela opressão é o momento em que Effia conhece outras mulheres, de modo que as esposas dos oficiais britânicos foram forçadas a mudar seus nomes porque, para seus maridos, seus nomes verdadeiros eram difíceis de pronunciar. Dessa forma, eles as oprimiam pelo poder que exerciam no relacionamento e as privavam da liberdade de usar seu próprio nome, que representava sua identidade. Podemos ver essa opressão em uma das esposas que Effia conheceu:

Meu marido não consegue pronunciar bem meu nome. Ele quer me chamar de Emily", disse Eccoah. "Se ele quer te chamar de Emily, deixe que ele te chame de Emily", disse Adwoa. Das quatro, ela era a que trabalhava como criada há mais tempo e sempre expressava suas opiniões de forma alta e livre. Todos sabiam que seu marido praticamente a adorava. "Melhor isso do que ouvi-lo estragar sua língua materna repetidamente (Gyasi, 2016, p. 30, tradução nossa)⁴.

Assim, as personagens femininas são colocadas em uma situação de escravidão ao se colocarem em um papel de esposa diferente de sua cultura e uma redefinição de identidade que é exercida pela situação que gera cicatrizes e torna o sujeito em trânsito que não se sente pertencente a nenhum outro lugar como se fosse um sem-teto. Assim, mostra também que muitos casamentos com oficiais britânicos trazem a questão da violência simbólica que se evidencia por meio da escravidão na vida conjugal. O que fica bastante marcado pelo fato de que suas moradas são castelos, em muitos casos, são lugares sombrios que se isolam do resto do mundo.

² No original: "diasporas, the voluntary or forcible movement of peoples from their homelands into new regions, is a central historical fact of colonization" (Ashcroft; Griffiths; Tiffin, 2010, p. 61).

³ No original: "a term often used to describe the experience of dislocation is Heidegger's term *unheimlich* or *unheimlichkeit* - literally 'unhousedness' or 'not-at-home-ness' - which is also sometimes translated as 'uncanny' or 'uncanniness'". (Ashcroft; Griffiths; Tiffin, 2010, p. 65).

⁴ No original: My husband cannot pronounce my name well. He wants to call me Emily, Eccoah said. If he wants to call you Emily, let him call you Emily," Adwoa said. Out of the four of them, she had been a wench the longest, and she always spoke her opinions loudly and freely. Everyone knew that her husband practically worshipped at her feet. "Better that than to listen to him butcher your mother tongue over and over. (Gyasi, 2016, p. 30).



A atividade de negação é, de fato, a intervenção do "além" que estabelece uma fronteira uma ponte, onde o "presenciamento começa porque captura algo da sensação estranha do deslocamento do lar e do mundo - o deslar que é a condição das iniciações extra-territoriais e transculturais. Estar deslarado não é estar sem-teto, nem o "deslar" pode ser facilmente acomodado naquela divisão familiar da vida social em esferas privadas e públicas (Bhabha, 2014, p. 9, tradução nossa)⁵.

Nesse aspecto, de acordo com Homi Bhabha (2014), nos é apresentada uma característica de sujeitos que vivem o colonialismo e sua violência na medida em que as pessoas se sentem deslocadas, não pertencendo a nenhum lugar com isso em "espaços intermediários". Assim, muitos se sentem divididos por se verem sempre entre duas formas: a do poder e a do nada, como se fossem opostos, por exemplo: preto e branco, eu e outro, público e privado.

Além disso, quando Effia vai morar no castelo, descobre que lá há várias mulheres que vivem um pouco da sua situação de opressão e violência. Essas mulheres vivenciam a escravidão por meio do isolamento. Nessas masmorras está Esi, a irmã de Effia. Esi foi capturada durante uma invasão em sua aldeia axanti. Dessa forma, ela destaca uma questão de sentimento de não pertencimento aos lugares onde vivem.

Nesse sentido, tanto Esi quanto Effia sofrem desde muito jovens. Esi é filha de Maame e de um homem muito importante da aldeia axanti; os axantis geralmente capturam pessoas para servirem como escravos. Em um determinado ponto da história, antes da tragédia do incêndio, o personagem Abronoma conta a Esi que Maame havia sido escravo na aldeia fanti e que tinha outra filha:

Sua mãe foi uma vez escrava de uma família Fante. Ela foi estuprada por seu senhor porque ele também era um Grande Homem, e grandes homens podem fazer o que quiserem, para não parecerem fracos, não é?" Esi desviou o olhar, e Abronoma continuou em um sussurro. "Você não é a primeira filha de sua mãe. Houve uma antes de você. E na minha aldeia temos um ditado sobre irmãs separadas. Elas são como uma mulher e seu reflexo, condenadas a ficar em lados opostos do lago (Gyasi, 2016, p. 44, tradução nossa)⁶.

Nesse sentido, com esse trecho, podemos ver a relação de poder que alguns homens tinham e como esse fator também gera a violência simbólica com o personagem Esi a ser visto em uma história de vida em que o poder de alguns afetou toda a sua história. E esse tipo de pensamento acaba se perpetuando por muito tempo, uma consequência do colonialismo.

Esi, enquanto vive no castelo, passa por situações horríveis, consequência do pensamento egoísta do opressor, que não pensa realmente em como os outros se sentem em relação a essa relação de superioridade de uns sobre os outros. Dessa forma, uma das

⁵ No original: The negating activity is, indeed, the intervention of the 'beyond' that establishes a boundary: a bridge, where 'presencing' begins because it captures something of the estranging sense of the relocation of the home and the world - the unhomeliness that is the condition of extra-territorial and cross- cultural initiations. To be unhomed is not to be homeless, nor can the 'unhomely' be easily accommodated in that familiar division of social life into private and public spheres. (Bhabha, 2014, p. 9).

⁶ No original: Your mother was once a slave for a Fante family. She was raped by her master because he too was a Big Man and big men can do what they please, lest they appear weak, eh?" Esi looked away, and Abronoma continued in a whisper. "You are not your mother's first daughter. There was one before you. And in my village we have a saying about separated sisters. They are like a woman and her reflection, doomed to stay on opposite sides of the pond." (Gyasi, 2016, p. 44).



consequências seria gerar cada vez mais o silenciamento daqueles que são oprimidos por seu poder. Podemos ver isso no excerto a seguir:

O CHEIRO ERA INSUPORTÁVEL No canto, uma mulher chorava tão desesperadamente que parecia que seus ossos iriam quebrar com suas convulsões. Era isso o que eles queriam. O bebê havia se sujado, e Afua, sua mãe, não tinha leite. Ela estava nua, exceto pelo pequeno pedaço de tecido que os comerciantes lhe deram para limpar seus mamilos quando vazavam, mas haviam calculado mal. Sem comida para a mãe, não havia comida para o bebê. O bebê começaria a chorar em breve, mas o som seria absorvido pelas paredes de barro, subsumido nos gritos das centenas de mulheres que a cercavam (Gyasi, 2016, p. 34, tradução nossa)⁷.

No excerto acima nos é apresentado uma cena de extrema violência, não apenas física, mas também emocional e simbólica, em que o sofrimento das mulheres é intensificado por um contexto de desespero e abandono. A violência se manifesta de várias maneiras: pela falta de cuidados básicos, pela exploração dos corpos femininos e pela negligência social que as coloca em uma situação de vulnerabilidade extrema.

Neste contexto, o cheiro insuportável e a mulher que chora tão intensamente que parece que seus ossos irão quebrar refletem a violência psicológica que resulta da dor e do desespero. O choro da mulher, que poderia ser um grito de ajuda ou uma manifestação de sua perda de dignidade, é imediatamente associado à opressão de um sistema que não oferece qualquer tipo de suporte para a sua sobrevivência ou a do seu bebê. O corpo da mulher, e especialmente sua relação com o leite, é uma metáfora para a exploração e a opressão femininas em uma sociedade onde os cuidados e os direitos básicos não são garantidos.

Além disso, o fato de Afua estar nua, com um pedaço de tecido improvisado para cobri-se, simboliza a exposição brutal e desprotegida das mulheres, que são tratadas como objetos para consumo e uso, sem qualquer respeito pela sua dignidade ou humanidade. O corpo da mulher, vulnerável e explorado, é representado como algo a ser descartado ou negligenciado.

A cena também é marcada pela violência estrutural, que se revela nas condições precárias em que as mulheres vivem, e que são descritas de forma silenciosa, mas aterradora. A falta de alimentos para a mãe reflete uma falta de cuidados sistêmicos para com as necessidades básicas das mulheres e crianças, e, como consequência, o bebê também é condenado à fome e ao sofrimento. O grito do bebê que se perderá entre os muitos outros sons da dor ao seu redor ressalta a ideia de que a violência é algo normalizado, parte de uma rotina em que os sofrimentos das mulheres e crianças são invisíveis, abafados pelos sons das centenas de outras mulheres que vivem na mesma condição.

Além disso, esta narrativa pode ser lida dentro de um contexto mais amplo de "violência lenta", termo central na ecocrítica discutido por Rob Nixon em seu livro *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. A violência, não se apresenta de forma explosiva, mas se acumula lentamente, ao longo do tempo, a partir da negligência e da exploração diárias que afetam a vida das mulheres e das crianças. A falta de alimentos, o desespero físico e emocional,

⁷ No original: THE SMELL WAS UNBEARABLE. In the corner, a woman was crying so hard that it seemed her bones would break from her convulsions. This was what they wanted. The baby had messed itself, and Afua, its mother, had no milk. She was naked, save the small scrap of fabric the traders had given her to wipe her nipples when they leaked, but they had miscalculated. No food for mother meant no food for baby. The baby would cry soon, but the sound would be absorbed by the mud walls, subsumed into the cries of the hundreds of women who surrounded it. (Gyasi, 2016, p. 34).



e a desumanização de Afua e do seu bebê são manifestações de uma violência que é sistêmica, impessoal e prolongada. Ela não é facilmente identificável, mas é profundamente destrutiva

Assim, percebemos que as pessoas que exercem o poder entre outras estão preocupadas apenas com seus benefícios e acabam usando sua manipulação para conseguir as outras coisas e esquecem que são seres humanos com famílias e que podem viver em situações horríveis devido às crenças perpetuadas na sociedade perpetuadas pelo discurso dominante. Dessa forma, a dominação exerce o sentimento de medo, desespero, desesperança, aceitação de oportunidades ruins que os outros oferecem e isso se estende por vários anos na vida de um indivíduo e que possivelmente reproduzirá essas crenças no futuro.

Nesse contexto, às vezes as formas mais sutis e poderosas de violência podem estar na maneira como as pessoas nos tratam por meio de palavras inofensivas, muitos sorrisos falsos, gestos gentis que escondem intenções e atitudes opressivas. Assim, o preconceito racial e a violência por manipulação presentes em *Homegoing* podem ser vistos por meio da perpetuação da adversidade enfrentada pelos descendentes de Effia e Esi, o que ilustra que as pessoas podem ser feridas não apenas fisicamente, mas também emocionalmente e adquirir um conflito de identidade ao viver uma vida após a escravidão.

Além disso, podemos relacionar *Homegoing* com a obra *The House on Mango Street*, escrita por Sandra Cisneros (2009), na medida em que há histórias de muitas mulheres, a visão de muitas mulheres influencia a visão da própria protagonista Esperanza, que anseia por uma casa. Isso reflete o fato de que aqueles que sofrem com situações de opressão anseiam por segurança, privacidade, proteção, independência e também por uma casa. Em *Homegoing*, podemos ver que Effia anseia pela verdadeira segurança no amor que não consegue encontrar em seu casamento, e Esi anseia por um lugar de pertencimento onde possa ter paz, ambas em busca de um lugar que possam chamar de lar. Tanto na história *Homegoing* quanto em *The House on Mango Street*, o anseio dos personagens principais por um lar pode ser entendido como uma resposta à violência simbólica que sofrem.

Outra obra que apresenta aspectos de conexão com *Homegoing* é *In The Heart of the Country*, escrita por J.M. Coetzee (1977). Ambas as obras exploram contextos de sociedades opressivas e histórias de colonização. Tanto Magda, de *In The Heart of the Country*, quanto Effia e Esi são confrontadas com as limitações das estruturas de poder da sociedade. Magda lida com o relacionamento dominador de seu pai, e Effia e Esi e seus descendentes com os relacionamentos dominadores de suas famílias desestruturadas.

2. Corpo e herança de dor: as marcas da violência

O corpo, como símbolo e alvo central da opressão colonial, emerge em *Homegoing* como espaço de dor, resistência e memória. Na narrativa, corpos negros são continuamente marcados por práticas de exploração, desde o aprisionamento nos calabouços do comércio transatlântico até o trabalho forçado nas plantações. Essa objetificação desumanizadora vai além da violência física imediata, atingindo também a identidade dos personagens. Por exemplo, Esi, uma das personagens principais, é arrancada de seu lar e submetida à brutalidade do navio negreiro, estabelecendo uma herança de trauma corporal que atravessa gerações.

As consequências dessa violência não são apenas individuais, mas moldam o futuro de seus descendentes. No contexto americano, os legados da escravidão aparecem na forma de racismo estrutural, pobreza e exclusão social, enquanto em Gana, os efeitos do colonialismo persistem nas desigualdades econômicas e nas divisões internas e entre outras maneiras. No



entanto, em ambas as linhas genealógicas, os corpos carregam as cicatrizes da opressão, como símbolos vivos de um passado que continua a ecoar no presente.

Além disso, o trauma herdado afeta o psicológico e as relações familiares posteriores. Os descendentes lutam para construir identidades e encontrar pertencimento em um mundo que continua a marginalizá-los. O corpo, portanto, torna-se um testemunho histórico, guardando as memórias de dor e resistência que definem não apenas os personagens, mas também a luta contínua de povos colonizados por justiça e dignidade.

Em *Homegoing*, de Yaa Gyasi, o corpo emerge como um espaço central para a narrativa, refletindo as marcas deixadas por sistemas patriarcais e coloniais opressivos. Essa abordagem dialoga diretamente com o conceito de "corpo subalterno" de Xavier (2007, p.35), que descreve como personagens literárias carregam, "inscritas no seu corpo, as marcas de um sistema injusto e opressor" (Xavier, 2007, 56). Assim, a violência sofrida pelos personagens de *Homegoing* não é apenas individual, mas também estrutural, evidenciando a intersecção do patriarcado com as dinâmicas coloniais.

No romance, os corpos das mulheres são especialmente destacados como alvos da opressão patriarcal. A narrativa evidencia como o controle sobre os corpos femininos é um mecanismo de manutenção do poder, seja através da violência sexual durante a escravidão ou das imposições culturais nas sociedades colonizadas. Por exemplo, personagens como Esi e Ness experienciam uma desumanização que vai além da violência física, refletindo a perpetuação de um sistema que oprime e silencia mulheres enquanto reproduz estruturas patriarcais.

Além disso, uma das consequências da exploração a longo prazo e mais visíveis é a perpetuação da desigualdade estrutural. A narrativa de *Homegoing* ilustra como os descendentes de escravizados, especialmente no contexto americano, herdaram um sistema racista que perpetua ciclos de pobreza, exclusão educacional e falta de oportunidades em várias esferas. Isso se reflete, por exemplo, nas dificuldades que enfrentam para acessar educação e moradia de qualidade. No Brasil, essa realidade é evidente em comunidades periféricas, onde as populações negras ainda sofrem os efeitos diretos da escravidão, traduzidos em desigualdades econômicas.

Na cultura, a imposição colonial de padrões europeus destruiu ou marginalizou tradições, crenças, línguas e identidades africanas. Como consequência, muitos descendentes enfrentam crises identitárias, lutando para recuperar ou se reconectar com suas raízes ancestrais. Essa desconexão, apresentada em *Homegoing* pela trajetória de personagens que buscam compreender sua história, é também um reflexo de uma realidade atual, na qual muitos afrodescendentes lutam para reivindicar e valorizar suas heranças culturais em sociedades que ainda privilegiam padrões eurocêtricos.

Na esfera psicológica, o trauma colonial deixou marcas profundas. Gyasi aborda, por meio de seus personagens, como o sofrimento dos antepassados reverbera emocionalmente nas gerações futuras, mesmo quando não há uma compreensão clara de sua origem. Este conceito se manifesta atualmente em sentimentos de desvalorização, baixa autoestima e dificuldades em superar estigmas sociais impostos na sociedade. Na rotina, vemos isso nas lutas constantes por aceitação e respeito, seja no ambiente de trabalho, seja em espaços educacionais ou sociais diversos, onde pessoas negras frequentemente enfrentam preconceitos explícitos ou até mesmo ocultos.

A nossa realidade cotidiana também reflete essa herança em gestos e práticas aparentemente inofensivos, mas profundamente enraizados na história colonial. Desde padrões de beleza que valorizam traços europeus até práticas discriminatórias no mercado de trabalho, as consequências da opressão colonial moldam as experiências diárias dos descendentes de



povos colonizados. A normalização dessas desigualdades, muitas vezes mascaradas por discursos meritocráticos, perpetua as injustiças e torna mais difícil romper os ciclos de opressão.

Portanto, compreender as raízes do sofrimento é essencial para desvendar as razões das consequências que perduram por gerações, e Yaa Gyasi faz isso em seu romance *Homegoing*. Ao traçar a linha do tempo das experiências de seus personagens, desde a escravidão na África até a segregação racial e as desigualdades contemporâneas, a autora revela que cada ato de opressão está interligado a estruturas históricas profundamente enraizadas. Gyasi mostra que o trauma, a violência e a desigualdade que marcam as vidas dos descendentes não surgem isoladamente, mas são o resultado de sistemas coloniais e patriarcais que se perpetuaram ao longo do tempo. Essa abordagem reforça a ideia de que, por trás de cada luta individual, há uma rede complexa de opressões que precisa ser reconhecida para ser enfrentada. Dessa forma, a autora convida o leitor a ir além da superfície e entender que o sofrimento atual carrega em si o peso de séculos de injustiça e resistência.

Essa análise das raízes do sofrimento é fundamental para entender por que as consequências da opressão colonial e patriarcal ainda afetam as novas gerações. Não se trata apenas de um ciclo de pobreza ou violência, mas de uma estrutura de exclusão e negação de identidade que impede os descendentes de se reconectarem plenamente com sua ancestralidade e sua humanidade. A violência física imposta aos corpos durante o período colonial deixou marcas que não podem ser apagadas, mas a violência simbólica cultural, que apagou tradições, histórias e línguas, se estendeu por gerações, moldando a identidade de formas mais sutis, porém igualmente devastadoras.

Considerações finais

Portanto, observamos que durante a narrativa as passagens promovem uma reflexão sobre como o colonialismo desempenha um papel extremamente forte em muitos casos que traz destruição e também traz uma grande violência ao local que não termina no momento presente, mas se perpetua como consequência dos atos por muitos e muitos anos.

Nesse sentido, percebemos que as relações de poder que envolvem a sociedade podem ter raízes profundas na história que ocorrem em gerações e gerações de pessoas em vários lugares do planeta, de modo que a maioria de suas ações violentas acaba sendo reproduzida às vezes automaticamente de forma natural na sociedade.

Assim, nossa análise nos mostrou que os personagens e o ambiente opressor têm um papel fundamental na construção e na lembrança de uma história marcante que nos mostra muito das consequências do colonialismo na vida de muitos e muitos de seus descendentes. Assim, a categoria personagem ajudou a entender o não pertencimento e o deslocamento pelo qual as personagens muitas vezes passaram, evidenciando o sentimento de angústia devido à grande violência que vivenciaram, que muitas vezes se mostrou de forma silenciosa, mas gerou grandes traumas para a vida de cada um que viveu nessa pesada atmosfera.

Portanto, cada detalhe presente no romance *Homegoing* ajudou a entender um pouco da situação de muitas pessoas que atualmente sofrem com situações semelhantes, pois podemos por meio da literatura também refletir muito sobre várias questões sociais e culturais de nossa realidade contemporânea. Dessa forma, a narrativa enfatiza bem a importância de entender e desafiar essas estruturas para criar espaços onde os indivíduos possam experimentar segurança real, autonomia e um senso de pertencimento, resistindo a situações de sofrimento. Por exemplo, Esi, uma das protagonistas, ao enfrentar a brutalidade e a desumanização do sistema



escravagista, mantém uma força interior, uma grande coragem e uma incrível resiliência, recusando-se a ser totalmente dominada pelo sofrimento que enfrenta. Ela resiste e busca maneiras de manter sua dignidade e seu envolvimento com sua cultura.

Referências

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Post-colonial studies: The key concepts**. London: Routledge, 2010.

BHABHA, Homi. **The Location of Culture**. London: Routledge, 2014.

CISNEROS, Sandra. **The House on Mango Street**. Vintage, 2009.

COETZEE, John. Maxwell. **In the Heart of the Country**. London: Penguin, 1977.

GYASI, Yaa. **Homegoing**. New York: Alfred A. Knopf, 2016.

NIXON, Rob. **Slow violence and the environmentalism of the poor**. Boston: Harvard University Press, 2011.